

INCLUSÃO SOCIAL E DIGITAL NA COMUNIDADE MARCÍLIO DIAS: ECONOMIA SOLIDÁRIA E TECNOLOGIA PARA GERAÇÃO DE RENDA E DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO

Coordenador: PEDRO DE ALMEIDA COSTA

Autor: WILLIAM RENNAN DE CASTRO VIDAL

O Projeto de Extensão foi desenvolvido na CASA BRASIL, situada na Rua Voluntários da Pátria, 2552, no módulo de Metarreciclagem. A tarefa de transmitir um certo conhecimento adquirido em uma graduação não foi fácil. Precisei reaprender alguns conceitos, elaborar a melhor forma de apresentá-los para uma melhor transmissão da informação e enfrentar a turma. A ideia básica das oficinas era expor alguns dos principais conceitos na área de Metarreciclagem: desde o que é um processador, até o porquê de utilizar um software livre. Nem sempre o método foi bem visto pelos alunos e as aulas eram intercaladas entre teórica e prática, eles ansiavam mais por "colocar a mão na massa" e ligar tudo na tomada, sem se preocupar se aquela fonte era 110v ou 220v, por exemplo. Precisei de muita calma e dedicação para tentar fazer com que eles entendessem a relevância dos conceitos das aulas teóricas, principalmente para aqueles que algum dia quisessem seguir no ramo da informática. Havia uma preocupação em relação à metodologia de ensino, pois se tratava de jovens em situação de vulnerabilidade social que ao longo da vida talvez não recebam nenhuma oportunidade. Tive que fazer uma iniciação pedagógica com a bolsista de extensão Stephanie Ma Rolla - graduanda em Pedagogia - na qual aprendi técnicas elementares de ensino. Além dessa dificuldade, havia o problema referente ao espaço físico e material para usarmos durante a oficina. Como a sala de metarreciclagem não suportava mesas e cadeiras para muitas pessoas, nas aulas teóricas optei pela sala da biblioteca, onde o espaço é muito maior. Isso reflete, ainda que minimamente, um problema relativo à organização e gestão de uma ONG, bem como o problema de espaço físico, pois dessa forma tivemos que limitar o número de participantes, considerando que as aulas práticas seriam realizadas no módulo de Metarreciclagem. Do total de 20 inscritos, tivemos cerca de 50% de desistência. Por quê? Metade dos alunos dependia de algum transporte público para chegar até a Casa Brasil. Na primeira oficina - período de inverno - tive quatro alunos oriundos de Eldorado do Sul que, quando chovia muito, tinham suas residências alagadas, impossibilitando-os de ir à oficina, por exemplo. A oficina era gratuita e grande parte dos alunos tinha déficit de educação formal e dificuldades cognitivas (problemas com o português escrito e principalmente, com a

lógica e raciocínio). Com relação a estas dificuldades, não obtive êxito ao tentar ajudá-los, pois não fui preparado para isso (dentro da universidade e mesmo na iniciação pedagógica), que também foram determinantes para o índice de desistências. Tentava-se estimulá-los a buscar conhecimento: dizia sempre que o telecentro não servia apenas para entretenimento e redes sociais. Queria que eles pesquisassem as dúvidas na internet, porém muitos não sabiam como fazê-lo. Com relação aos alunos da Oficina de Metarreциclagem: Não sei se o que aprenderam realmente lhes será útil profissionalmente, nem mesmo se eles continuarão a estudar informática. Entretanto, acredito que consegui despertar um interesse maior sobre o assunto nos alunos que participaram do curso de metarreциclagem até o fim, dando dicas que podem ser úteis até mesmo na vida pessoal, por exemplo, sobre pesquisas na internet referentes a quaisquer dúvidas. Para aprimorar oficinas futuras, com os recursos disponibilizados no edital do projeto, consegui a compra de kits de manutenção, pasta térmica para processadores, álcool isopropílico e a aquisição de uma multifuncional para impressões em colorido, um projetor e um Netbook para apresentações, cursos e novas oficinas que demandam do meio multimídia. A Casa Brasil já possui um projetor, porém algumas vezes ele era utilizado em outras atividades, estando indisponível para as aulas teóricas. Sobre os aprendizes do Pão dos Pobres na sua vivência na Casa Brasil: Acredito que a minha experiência com eles proporcionou um grande aprendizado para ambas as partes. Eles colocavam em prática o que aprendiam no curso e eu dava dicas - até mesmo atalhos - de como realizar aquela tarefa em um menor tempo possível. Tive uma experiência ímpar em liderá-los - mesmo em se tratando de uma equipe pequena. Por mais que estejamos (tanto eu como os aprendizes) habituados à linguagem da informática, a resolver problemas inerentes exclusivamente à máquina em si, vi que a comunicação entre os envolvidos é fundamental para o sucesso da tarefa. Não tenho dúvidas de que a experiência vivenciada por mim no ano de 2011 foi enriquecedora, tanto pessoal, como profissionalmente. Um dos projetos que eu tive - paralelo aos outros - foi o melhoramento da infraestrutura de rede da Casa Brasil (o detalhe é que até aquele momento eu não tinha estudado isso na graduação). Tive que coletar informações para compreender o que é uma rede de computadores, como ela é formada e seus principais conceitos, tanto práticos como teóricos. Entendi que precisaria de ajuda externa e no edital do projeto havia verba para a tarefa. Como se tratava de recurso federal, era preciso fazer ao menos três orçamentos de empresas para o melhoramento na rede, que era de suma importância, devido à lentidão da mesma. Esse conhecimento me levou a um mundo da informática que eu não conhecia a fundo. Acompanhei todo processo de instalação de novas ferramentas e nova organização da rede, que deixou, tanto o

funcionamento do telecentro, como os computadores da administração dos módulos, muito mais seguros e rápidos. De todo o exposto, decorre que o trabalho como extensionista foi extremamente desafiante, e em duplo sentido. Primeiramente, com respeito a ter que "levar" o conhecimento técnico desenvolvido na Universidade para um espaço social diferenciado daquele para o qual parece que o conhecimento universitário é desenhado, que são os espaços formais do mercado de trabalho, onde a linguagem é técnica e o nível de conhecimento é alto. No projeto, esse conhecimento precisava ser "traduzido" e o seu método de "transmissão" adaptado às condições materiais do espaço e às condições sociais e cognitivas das pessoas. Numa segunda dimensão, o trabalho foi desafiante no sentido de também me impor, como bolsista, a necessidade de buscar e desenvolver novos conhecimentos que os bancos universitários ainda não tinham desenvolvido, mas que se apresentavam como uma demanda social urgente. Nessa condição, é possível perceber que então o que se estabelece, de fato, nos projetos de extensão que envolvem a realidade descrita, é um "diálogo" de conhecimentos. Ou seja, não se trata apenas de um processo de "transmissão" ou "repasse" de conhecimentos da universidade, mas de um processo em que a universidade também se abre para estabelecer trocas com a sociedade. Por isso e pela possibilidade de exercitar e refletir sobre o conhecimento recebido na universidade, a oportunidade da bolsa de extensão contribui significativamente para o meu processo de preparação profissional e pessoal.